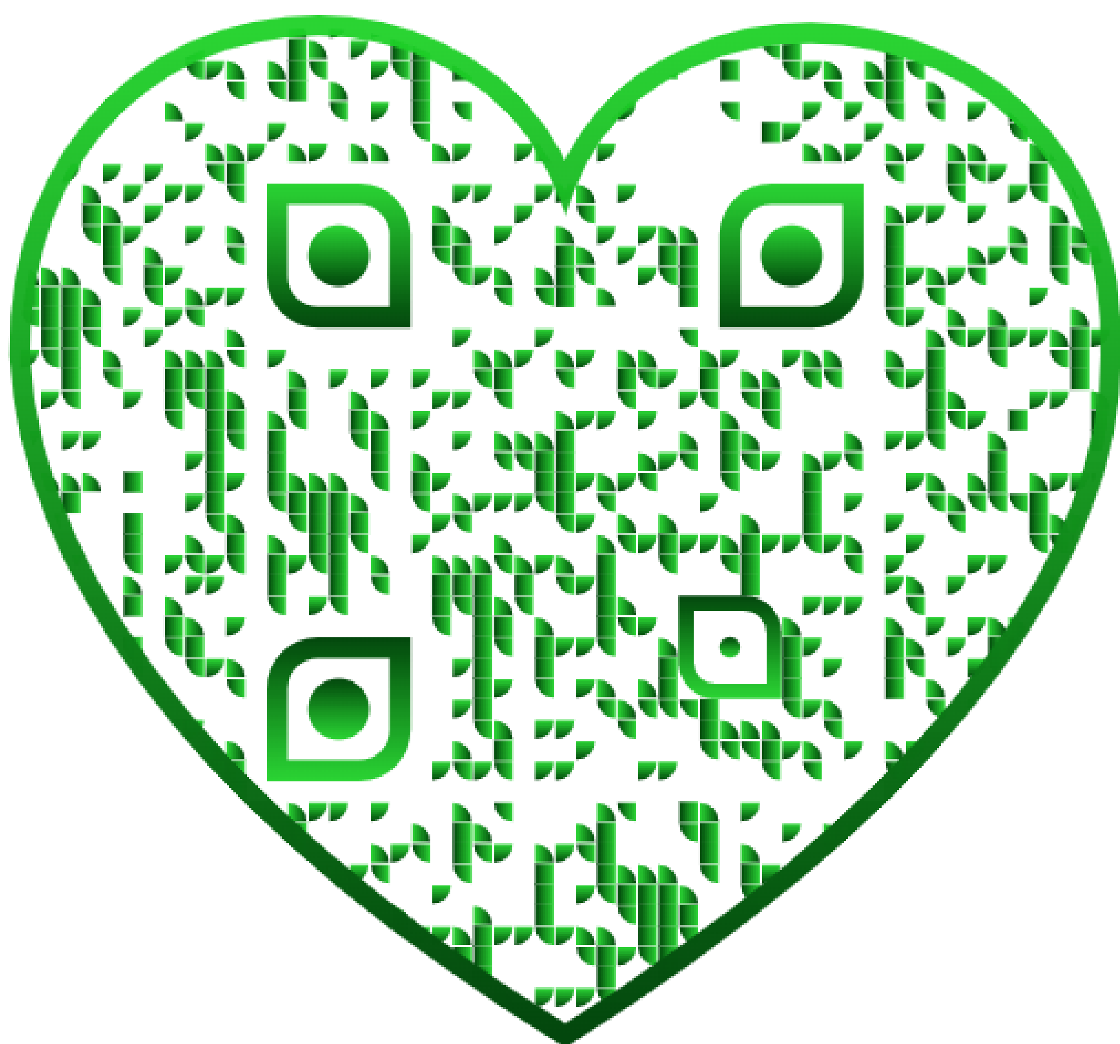
A CHAVE DOURADA

GEORGE MACDONALD



DRACAENA
www.dracaena.com.br



Sumário

Sumário
Ficha Técnica
Sobre o autor
A Chave Dourada

Ficha Técnica

Capa: César Oliveira

Revisão:Danilo Barbosa e Elaise Lima

Tradução:Letícia Campopiano

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto 6.583, de 29 de setembro de 2008) 1ª Edição: agosto / 2012

MacDonald, George

A chave dourada / George MacDonald ;

Título Original: The golden key

ISBN: 978-85-8218-012-9

1. Filosofia, George MacDonald, Fantasia, Clássicos da Literatura, Literatura Infanto Juvenil, Clássicos Ingleses.



Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem a devida autorização da Editora.

Editora dracaena

Rua Edson Crepaldi, 720 – Bal Rincão

CEP 88820-000 - Içara – SC

Tel. (48) 3468-4544

www.dracaena.com.br

Sobre o autor

George MacDonald, nascido em 10 de dezembro de 1824, é um dos mais notáveis escritores de sua época. Foi amigo e mentor de Lewis Carroll e o incentivou a publicar Alice no País das maravilhas. Influenciou autores como J.R.R. Tolkien, C.S.

Lewis e Mark Twain. Publicou romances de fantasia e dezenas de contos, que o tornaram conhecido e amado por crianças e adultos.

O próprio autor declarou certa vez: “Eu não escrevo livros infantis, mas escrevo para todas as crianças, sejam elas de 5, 50 ou 75 anos”.

A **chave dourada** é um dos seus mais importantes trabalhos.

Um conto de fadas dotado de beleza e magia que tem encantado milhões de leitores por várias gerações. É um daqueles contos que a criança carrega para a vida adulta, devido à mensagem

simbólica, dotada de espiritualidade e pureza. O autor faleceu em 08 de setembro de 1905, mas suas obras são imortais no coração dos leitores.

A Chave Dourada

Havia um garoto que costumava se sentar no crepúsculo e ouvir as histórias de sua tia-avó.

Ela contou à ele que se fosse capaz de chegar ao lugar onde acaba o arco-íris, lá encontraria uma chave dourada.

– Para que serve a chave? – O garoto perguntou. – É de uma porta ou uma caixa? O que ela abrirá?

– Isso ninguém sabe – sua tia respondeu. – Você vai ter que descobrir.

– Imagino que, sendo de ouro, – o garoto uma vez disse pensativo – eu poderia conseguir um bom dinheiro com ela caso a vendesse.

– Melhor nunca achá-la do que vendê-la – respondeu sua tia.

O garoto deixou a tia sentada e foi dormir, refletindo sobre a chave dourada da história. E não é que ele até sonhou com ela?

Você pode estar se perguntando o que tem de esquisito do menino sonhar com uma chave mágica. Afinal, todo mundo sonha com algo do qual se fala muito, não concordam?

Só que este menino tinha algo diferente dos outros. Tudo que a sua tia-avó havia contado sobre a chave dourada não faria sentido se a pequena casa onde eles moravam fosse no alto de um morro ou em um vale qualquer. Mas não. . Ela ficava nas margens do País das Fadas. E é perfeitamente sabido que, fora do País das Fadas, ninguém consegue encontrar onde fica o fim arco-íris. A chave é guardada com tanto cuidado, como um objeto precioso que por mais que você tente, nem faz ideia de onde procurar. Ela sempre muda rapidamente de lugar para lugar, para que ninguém possa encontrá-la!

Mas se você procurar o fim do arco-íris lá no País das Fadas,tudo é um pouco diferente. Coisas que parecem reais no nosso mundo, parecem muito tênues no País das Fadas. Enquanto algumas das coisas que a gente conhece aqui não param de

pé nem por um segundo, lá elas não se deitam jamais! Então não era tão absurdo que a velhinha contasse tais coisas sobre a chave dourada para seu sobrinho. Quem sabe ele não poderia finalmente encontrá-la? A inocência de uma criança, no País das Fadas, é uma arma muito poderosa...

– Você sabe de alguém que a encontrou? – Ele perguntou certa noite.

– Sim. Seu pai. Acredito que um dia ele a encontrou.

– E o que ele fez com ela, você pode me dizer?

– Isso eu não posso. Ele nunca me disse.

– Como ela era? Você a viu?

A sua tia-avó abanou a cabeça mais uma vez.

– Ele nunca me mostrou.

– Sempre que alguém acha a chave uma nova aparece no lugar?

– Acho que sim.

– E por quê?

– Eu não sei. Só sei que está lá.

– Talvez a chave seja o ovo do arco-íris.

– Pode ser. E você será um garoto feliz se encontrar esteninho.

O menino sorriu. Olhou encantado para o céu e murmurou:

– Talvez ela venha rolando do céu pelo arco-íris.

– Acho que é isso mesmo.

Assim eram as noites do menino e sua tia-avó. Cercada de histórias, velhas e novas, mas cheias de fantasia. À bem da verdade, a chave dourada nunca sumiu da cabeça do menino. Podia passar um dia, ou vários, mas a imagem daquele objeto cheio de coisas boas não saia da cabeça dele.

Numa tarde de verão, ele foi para seu quarto, parou perto da janela de treliça e

contemplou a floresta que marcava o limite do País das Fadas.

As árvores daquele lugar especial chegavam perto jardim de sua tia-avó e, de fato, algumas até pareciam se misturar ao ambiente. A floresta ficava à leste e o sol se punha atrás da pequena casa, olhando a madeira escura com seu grande olho vermelho. As árvores tinham alguns ramos baixos, deixando que a luz do dia mostrasse um pedaço da floresta.

O garoto, muito observador, aproveitou a luz do sol para ver o que acontecia por lá. Os troncos pareciam fileiras de colunas vermelhas no brilho do sol até se perder de vista. Olhando aquele espetáculo iluminado, ele começou a sentir algo diferente. Era como se as árvores estivessem esperando por ele. O menino sentiu que não podia fazer mais nada se não fosse brincar entre aquelas árvores tão bonitas. Quando começou a caminhar, sentiu o estômago roncar. Outra hora iria. Primeiro tinha de comer algo.

De repente, ele viu bem longe entre as árvores algo incrível.

Era o final do arco-íris, grande e brilhante. Ele podia contar todas as sete cores e via até aquele tom depois do violeta que ninguém consegue falar direito que cor é. O amarelo que parecia clarear tudo enquanto o vermelho ainda deixava tudo com um ar mais bonito e misterioso. E entre as cores, tinha tantos tons diferentes, coisas que ele jamais havia visto. Dali onde estava via apenas parte do arco-íris. As árvores impediam que ele visse o mais importante.

– A chave dourada! – ele gritou e deixando a fome de lado,disparou para fora da casa, entrando na floresta.

Foi assim que ele entrou, sem saber, no País das Fadas.

Correu e correu, querendo descobrir se a tal chave existia de verdade. Mas como todos os meninos e suas pisadas pequenas,ele não tinha ido muito longe quando o sol finalmente se pôs.

Mas quem disse que o arco-íris foi embora com o calor do sol?

Nada. Ele apenas brilhou ainda mais intensamente. Isso porque o arco-íris do País das Fadas não depende do sol, como o nosso.

O menino, encantado, viu as árvores o receberam, reclinando-se levemente. Os arbustos abriram caminho para que ele passasse. O arco-íris, em vez de diminuir, a cada passo do nosso pequenino herói, ficava maior e mais brilhante.

Logo, o menino estava pertinho do seu desejo. Apenas duas árvores de distância o separavam daquelas cores luminosas.

Era uma vista grandiosa, raios queimando em silêncio, lindas,amáveis e delicadas. Todas as cores tão diferentes e, ao mesmo tempo, todas combinando.

Agora ele podia ver isso, encantado,tão perto estava daquele mundaréu de cores. O arco-íris se erguia pelo céu azul, perdendo-se na altitude, brincando nas estrelas, mexendo com os sonhos de criança do menino. Ou seria também com os nossos?

Bom, o caso é que ele ficou observando aquela coisa linda por tanto tempo que até se esqueceu da chave que havia vindo procurar. Isso tudo por que enquanto ele estava parado, o arco-íris ficou ainda mais maravilhoso. Em cada uma das cores, que eram tão largas quanto pilares de igrejas, ele podia ver lindas formas que subiam lentamente, como se dentro do arco-íris tivesse várias escadas em espiral. As formas apareciam irregularmente – uma hora uma, outra várias, agora muitas, agora nenhuma. Eram homens, mulheres e crianças. Todos tão diferentes do menino e sua tia-avó. Eram todas tão lindas que o menino pensou estar sonhando.

Quando ele criou coragem e se aproximou do arco-íris,ele desapareceu. O garoto deu um passo para trás. Primeiro com desânimo, depois com assombro.

Porque assim que ele se afastou, olha lá o arco-íris novamente no seu lugar, tão lindo quanto nunca. Então, com medo de que ele sumisse de novo,contentou-se em ficar parado o mais próximo possível e ver as formas que subiam pelas cores, em direção a alturas e mistérios que ele desconhecia. Se forçasse a vista para o alto, tentando enxergar o fim, só conseguia ver os vultos desaparecendo no ar noturno, tão gradualmente que ele não conseguia dizer nem onde havia acabado.

Quando ele voltou a pensar na chave dourada, o garoto sabiamente começou a gravar em sua mente toda a dimensão da base do arco-íris, pensando que talvez ele soubesse onde procurar caso o mesmo desaparecesse.

No meio tempo, havia ficado um tanto escuro na floresta.

O arco-íris reinava ali, sozinho, visível graças a sua própria luz.

Mas no momento em que a Lua ganhou o seu espaço entre as estrelas e tocou com seu brilho prateado o belo arco-íris, ele desapareceu. Ficou somente uma cama de musgo onde o arco-íris

antes encantava a todos. Desesperado, ele pulou ali e procurou alguma pista da

famosa chave. Foi em vão.

Ele caiu no choro e deitou na cama de musgo. Após secar os olhos e assoar o nariz, resolveu esperar até que a luz do sol voltasse no dia seguinte e lhe mostrasse a chave. Ali mesmo ele caiu no sono rapidamente.

Quando ele acordou pela manhã, o sol tocava diretamente seus olhos. Ele se esquivou disso, e no mesmo momento viu algo pequeno e brilhante no musgo, a trinta centímetros de distância de seu rosto. Era a chave dourada! Ouro puro em todo o seu comprimento, com um puxador cuidadosamente trabalhado e cravejado de safiras. Em um sentimento de puro deleite, ele esticou sua mão e a pegou. Então ela passou a ser dele.

Permaneceu deitado por um tempo, virando-a e revirando-a, alimentando seus olhos com sua beleza. Quando cansou, se pôs de pé rapidamente, lembrando que toda aquela beleza não

deveria ter uma utilidade para ele. Onde estava a fechadura à qual a chave pertencia?

Tinha de estar em algum lugar. Afinal de contas, porque alguém seria tão bobo para fazer uma chave sem fechadura?

Aonde será que deveria ir para procurá-la?

O menino observou os arredores, olhando para céus e terra,mas não viu nenhum buraco de fechadura por ali. Nem no branco das nuvens, no verde da grama ou nas sombras das árvores.

Depois de muito procurar, começou a se sentir desconsolado. Já estava quase na beirada da floresta novamente e nada da fechadura aparecer. Sentou-se um pouco em um toco de árvore

para pensar no que fazer.

Foi quando, repentinamente, algo pareceu brilhar na sua frente. Ele viu apenas um reflexo, que passou rápido. Achando que poderia ser o arco-íris que estava de volta, foi em sua direção.

– Vou voltar para os limites da floresta. Quem sabe não encontro algo por lá?

Enquanto o menino corre atrás da misteriosa fechadura,vamos para outro lugar não muito longe dali. Perto de onde o garoto vivia havia outra casa, cujo dono era um

mercador, que

ficava muito tempo longe, vendendo seus produtos de cidade em cidade. Ele havia perdido sua esposa alguns anos antes e teve apenas uma filha, uma pequena garota que, enquanto corria o

mundo, deixava aos cuidados de duas servas.

Apesar de parecerem duas boas mulheres, assim que o patrão colocava o pé na estrada, elas se mostravam bastante preguiçosas e descuidadas. Não faziam os seus deveres e maltratavam a pobre menina, largando-a sem cuidado.

Todo mundo sabe que as pequenas criaturas chamadas de fadas (ainda que haja vários tipos no País das Fadas), não gostam de descuido. Na verdade, elas são um tanto vingativas com pessoas desleixadas. Acostumadas com a ordem natural das árvores e flores e com a harmonia dos pássaros e todas as criaturas da floresta, o pensamento de que sob o mesmo luar que elas vivem fica uma casa suja, desconfortável e desleixada, faz com que se sintam péssimas. Isso as deixa bravas com as pessoas que moram nessas casas e, com certeza, elas tirariam essas pessoas do mundo com prazer se pudessem. As fadas querem toda a Terra agradável e

limpa. Por isso, elas beliscavam as empregadas e pregavam todos os tipos de peças, esperando que isso as mudasse.

Mas a casa continuava uma vergonha e as fadas da floresta não podiam tolerar isso. Tentaram de tudo com as empregadas,sem obter nenhum resultado. Cansadas, decidiram fazer uma

limpeza completa por ali elas mesmas, começando com a criança.

Sabiam que a culpa não era da menina, mas fadas têm poucos princípios e muitas travessuras dentro de si. Por isso, pensaram que se sumissem com ela as empregadas certamente iriam embora e tudo ficaria muito melhor por ali.

Então, numa noite, a pobre garotinha foi colocada para dormir cedo, bem antes do sol se por. As empregadas foram para a aldeia assim que colocaram a menina para dormir, trancando

a porta atrás de si. A criança não sabia que estava sozinha. Por isso, permaneceu deitada toda feliz, olhando a floresta por uma fresta da sua janela. A hera e outras plantas rasteiras, espalhavam-se pela abertura, quase invadindo o seu quarto, mas ela não se importava. Gostava da companhia das plantas.

Repentinamente, ela viu um macaco fazendo caretas para ela através do espelho. Ao mesmo tempo, as pequenas cabeças entalhadas no velho guarda-roupa sorriram de maneira zombe-

teira. As duas velhas cadeiras com pernas de aranha foram parar no meio do quarto e começaram a dançar de forma estranha e antiquada. Toda essa cena, em vez de assustar, fez a menina

começar a rir, divertida. As fadas viram então que haviam cometido um erro e não tinham assustado ninguém. Mandaram então as cadeiras de volta aos seus devidos lugares.

Como tinham vigiado a garota o dia todo, sabiam que ela tinha acabado de ler naquela tarde a história da Cachinhos Dourados e ficado muito impressionada. Por isso, no momento seguinte, sua risada foi abafada pelas vozes dos três ursos na escada, do lado de fora do seu quarto. Ao mesmo tempo, ela ouviu seus passos pesados, chegando cada vez mais perto de sua porta. Apavorada, ela não aguentou ficar ali e fez como a própria personagem do conto: disparou janela afora, fugindo para a floresta o mais rápido que conseguia correr, exatamente como as fadas queriam.

O sol agora estava se pondo e a escuridão chegava, mas a criança entrou na floresta sem se preocupar com qualquer perigo, a não ser os ursos que estavam atrás dela. Se ela tivesse olhado em volta, teria percebido que estava sendo seguida por alguém muito diferente de um urso.

Era uma criatura curiosa. Parecia com um peixe, mas em vez de ser coberta de escamas, tinha penas de todas as cores,brilhantes como as asas de um beija-flor. Tinha barbatanas, não asas, e flutuava no ar como um peixe nada pela água. Sua cabeça parecia a de uma pequena coruja.

A menina, sem notar a companhia, continuou andando pela floresta adentro.

Instantes depois, quando passava por baixo de uma árvore,seus grossos ramos caíram no chão, ao redor da garota. Ela acabou ficando presa ali, como um bicho em uma armadilha.

Ela lutava para sair, mas os ramos a pressionavam mais e mais junto ao tronco. Cansada, começou a chorar, com medo que ficasse ali para sempre. Foi nessa hora que o peixe aéreo, no seu voo pelo matagal, começou a destruir os galhos com seu bico, até que eles deixassem a criança sair.

A menina, aliviada, olhou para o estranho peixe aéreo que havia vindo atrás dela. O viu nadar para frente, brilhando e cintilando em todas as lindas cores. Sem hesitar, ela o seguiu.

Ele a guiou gentilmente até chegarem na porta de uma cabana. A criança continuou a segui-lo. A porta estava aberta

e, assim que ela entrou, viu uma fogueira brilhante logo à sua frente, na qual uma panela fervia, sem tampa, cheia de água. Foi para lá que o peixe aéreo se dirigiu e, para o espanto da menina, mergulhou dentro da fervura, onde ficou em silêncio.

Como se esperasse o momento, uma linda mulher surgiu,indo para o outro lado do fogo e veio cumprimentar a garota.

Ela a pegou em seus braços e disse, cheia de energia:

– Ah, você finalmente está aqui! Estive procurando por você por um longo tempo.

Ela se sentou com a garota no colo e lá ficou, encarando-a.

Ela nunca havia visto alguém tão lindo. Ela era alta, forte, com braços e pescoço brancos e um delicado rubor em seu rosto. A criança não sabia definir qual era a cor exata de seu cabelo, mas não podia deixar de pensar que tinha um certo tom de verde-escuro. Não tinha nenhum enfeite nos cabelos ou orelhas, mas parecia que estava vestindo dezenas de diamantes e esmeraldas.

Porém, lá estava ela, em uma cabana simples e pobre, onde se sentia evidentemente em casa, vestida com sua roupa verde brilhante.

A garota olhou para a mulher e a mulher olhou para a garota.

– Qual o seu nome? - Perguntou a mulher.

– As empregadas da casa do meu pai sempre me chamaram de Trama.

– Ah, isso é porque seu cabelo é tão bagunçado. Mas isso é culpa delas, aquelas mulheres maldosas! Mas ainda é um belo nome. Por isso, eu também vou chamá-la de Trama. Você não

precisa se preocupar comigo lhe fazendo perguntas, porque você também pode me fazê-las. Vou responder tudo que você quiser.

Quantos anos você tem?

– Dez – respondeu Trama.

– Não parece – disse a mulher.

– Quantos anos você tem, por favor? – devolveu Trama.

– Milhares de anos.

– Não parece - rebateu Trama.

– Não? Eu acho que parece. Não vê como sou bonita?

E seus grandes olhos azuis olharam para baixo, para a pequena Trama, como se todas as estrelas do céu estivessem derretidas neles para produzir um brilho sem igual.

– Ah! Mas quando as pessoas vivem bastante elas envelhecem.

Pelo menos eu achei que era assim.

– Não tenho tempo para envelhecer, minha querida menina.

Sou ocupada demais para isso. É muito inútil envelhecer. – Ela pegou o queixo de Trama e a examinou detalhadamente. – Mas o mais importante agora é que não posso permitir que minha

garotinha fique tão desleixada. Sabia que não consigo achar um lugar limpo em seu rosto para dar um beijo?

– Talvez seja porque a árvore me fez chorar muito – explicou a menina, envergonhada.

– Coitadinha! – disse a mulher. Agora parecia que a lua estiva derretida em seus olhos. Compadecida, ela beijou o rosto de Trama, sujo como estava. – A árvore maldosa deve sofrer por fazer uma garota chorar.

– E qual é o seu nome, por favor? – perguntou Trama.

– Avó.

– Mesmo?

– Sim. Mas não sou como a maioria das avós que você conhece. Tem algumas coisas que eu não posso fazer. Na verdade, eu nunca conto histórias, mesmo por diversão.

– É bom saber!

– Nem poderia. Se tentasse, a história se tornaria verdade caso eu falasse. E por causa disso, poderia ser castigada. – Ela sorriu como o sol através de uma chuva de verão. – Mas agora

devo dar-lhe um banho e vesti-la. Daí poderemos jantar.

– Estou com fome. Eu jantei faz tempo.

– Sim, na verdade, foi há três anos. – A mulher respondeu para Trama, com toda seriedade. – Você não sabe, mas já fazem

três anos desde que você fugiu dos ursos. Já tem pouco mais de treze anos agora.

Trama só conseguia encará-la, sem entender o que estava acontecendo. Ela tinha uma ponta de certeza de que aquilo era verdade, mas se recusava a acreditar. Como pode ter andado por três anos seguidos, sem comer, beber ou dormir?

– Você não terá medo de nada que eu fizer com você, terá?

– Perguntou a mulher, deixando a menina mais confusa ainda.

– Vou tentar não ter, mas não posso te dar certeza. –

Respondeu Trama, em um fio de voz.

– Gosto que diga isso e me sinto satisfeita com sua sinceridade.

– Eu queria saber o que aconteceu comigo...

– Com o tempo você terá todas as respostas, Trama.

Enquanto dizia isso, tirou a camisola da garota, levantou-se com ela em seus braços e entrou com ela por uma das portas da cabana. Lá dentro, Trama viu um tanque fundo, cujos lados

estavam repletos de plantas verdes com flores multicoloridas.

Havia um telhado sobre ele. Estava cheio de água limpa, onde nadavam vários peixes como àquele que a levou até a cabana. A luz das penas deles iluminava todo o lugar, dando a luminosidade necessária ao ambiente.

A mulher disse então algumas palavras que Trama não conseguia entender. Então colocou-a no tanque.

Os peixes amontoaram-se a seu redor. Dois ou três foram para baixo de sua cabeça e a mantiveram erguida. O resto deles se esfregava por ela toda e com suas penas molhadas, a lavaram bem. Então a mulher, que estivera observando o tempo todo,murmurou algo novamente, fazendo com que trinta ou quarenta dos peixes saíssem debaixo da água do tanque, carregando Trama até os braços estendidos da mulher.

Ela a carregou de volta até o fogo para secar e, depois de cumprir sua missão, abriu um baú e pegou as melhores roupas de linho, com cheiro de grama e lavanda e colocou nela. Era um vestido verde que ia até os pés exatamente como o da mulher,brilhante e macio, levemente cinturado por um cordão marrom.

– Você não me dará pares de sapato também, Avó?

– Não, querida, sem sapatos. Olhe aqui. Eu não uso sapatos.

Quando disse isso, levantou um pouco o vestido, mostrando os adoráveis pés brancos sem sapatos. Trama também estava feliz em ficar sem sapatos. Ergueu as pernas, mexeu os dedos e ficou encantada com a liberdade de pisar no chão da floresta. A mulher sentou-se com ela novamente, escovou seus cabelos e deixou-os para secar enquanto preparava o jantar.

Primeiro tirou o pão de um buraco na parede, depois leite de outro e vários tipos de frutas de um terceiro. Em seguida, ela foi até a panela no fogo e tirou o peixe, agora bem cozido.

– Assim que tirar a pele cheia de penas, está pronto para comer.

– Mas – Exclamou Trama. Ela encarou o peixe por um momento e não conseguiu dizer mais nada. Não sabia o que dizer...

– Eu sei, – Respondeu a mulher. – Você não gostaria de comer o mensageiro que te trouxe para cá. Mas este é o agradecimento mais gentil que você poderia lhe dar. A criaturinha estava com medo de ir à sua procura até que me viu colocar a panela no fogo e me fez prometer que ele seria cozido no momento em que voltasse com

você. Ao ouvir minha promessa, disparou porta afora, todo contente. Você o viu entrar na panela por vontade própria assim que chegaram, não foi?

– Sim – respondeu Trama. Na hora, achei bastante estranho;mas quando eu te vi, esqueci completamente do peixe. Apesar de já ter visto tantas coisas diferentes aqui que nem sei o que pensar.

– Você nem faz ideia de onde está?

– Não, Avó.

– Bem-vinda ao País das Fadas, Trama. – Enquanto a menina a olhava boquiaberta, a mulher desfiava a falar, como se o que ela tivesse dito não fosse surpreendente. – Aqui, – Resumiu a mulher, enquanto elas se sentavam à mesa, – o maior sonho dos animais é de serem comidos pelas pessoas. Este é o melhor final que eles podiam desejar para si mesmos.

– Mas daí eles vão sumir! – Falou Trama, com voz de choro,já triste pelo pobre peixe voador.

– Quem disse isso? Daquela panela vem muito mais do que peixe morto, você vai ver só. Basta esperar...

Foi daí que Trama percebeu que a panela estava tampada.

Não se lembrava de ter visto a mulher fechando a panela na fogueira que continuava acesa. Nem ao menos se lembrava direito de ter visto a tampa. O peixe finalmente foi servido e Trama achou-o muito mais saboroso do que qualquer peixe que ela havia experimentado. Sua carne era tão branca quanto a neve e tão delicada quanto creme. No momento em que engoliu uma boa porção dele, uma mudança que não era capaz de descrever começou dentro dela. Parecia que um murmúrio crescia por todo seu corpo, criando sons cada vez mais articulados. Curiosa, abocanhou outro pedaço e os murmúrios começaram a tomar forma, se transformando em pedaços de palavras soltos ao vento.

O caso foi que quando Trama terminou de comer sua porção de peixe, ela descobriu o verdadeiro significado daqueles sons: era a voz de todos os animais da floresta, borbulhando através da porta para seus ouvidos. Mesmo que estivesse um breu lá fora, ela sabia identificar cada animal por sua fala. E fala que ela podia entender.

Surpresa, viu que conseguia entender o que os insetos diziam uns aos outros na

cabana. Até suspeitava que as árvores e flores ao redor da cabana também estivessem conversando entre

si, mas se elas diziam algo, Trama não conseguia ouvir.

Assim que terminaram de comer o peixe, a mulher foi para o fogo e tirou a tampa da panela. Uma criatura adorável e pequena, parecida com um ser humano, saiu de lá e voou em

círculos ao redor do teto da cabana com duas grandes e suaves asas brancas. Por fim desceu flutuando e se aninhou no colo da mulher, que disse à criatura algumas palavras estranhas, carregou-a até a porta e jogou-a na escuridão. Trama ouviu o barulho das asas batendo desaparecer à distância.

– Ainda acha que fizemos algum mal ao peixe? – Ela disse ao voltar.

– Não – respondeu Trama. – Acredito que não fizemos.

Eu não me importaria em comer um deles todos os dias.

– Eles devem esperar seu tempo, assim como eu e você,minha querida Trama. – Ela sorriu de forma que a tristeza contida em sua face a deixasse ainda mais adorável. Mas acho que podemos ter um deles para o jantar amanhã.

Ela foi então até a beira do tanque – Eu quero um de vocês. O mais esperto.

Em seguida, os peixes se reuniram no meio do tanque, com suas cabeças formando um círculo acima da água e seus rabos um círculo ainda maior debaixo dela. Pareciam estar fazendo uma

votação para que fosse escolhido o mais esperto deles. Depois de certo tempo, um deles voou para a mão da mulher.

– Você sabe onde fica o arco-íris? – ela lhe perguntou.

– Sim, mãe, sei muito bem. – Trama ouviu com nitidez a fina voz do peixe.

– Traga para mim um jovem que está por lá. Ele não sabe ainda para onde deve ir.

O peixe saiu disparado porta afora. Ao ver o peixe partir,a mulher disse a Trama que era hora de ir para a cama e, abrindo outra porta na lateral da cabana, mostrou a ela uma pequena

árvore, fria e verde, com uma cama de mato roxo crescendo acima, sobre a qual ela jogou um cobertor feito das penas dos sábios peixes que reluziam belamente na luz do fogo.

A menina, assim que se deitou e cobriu-se, perdeu-se nos sonhos mais estranhos e adoráveis. E a linda mulher estava em cada um deles.

Pela manhã, ela acordou com o farfalhar de folhas sobre sua cabeça e o som de água corrente. Mas, para sua surpresa, ela não conseguia achar a porta. Só via a parede coberta de musgo

da cabana. Assim, em vez de esperar que alguém aparecesse, acabou entrando mais uma vez na floresta. Lá, ela se banhou em um córrego que corria alegremente através das árvores. Sentia-se uma menina feliz. Depois da experiência no tanque da Avó, ter ficado limpa e arrumada e ainda ter colocado seu vestido verde, considerava-se uma dama, uma princesa como dos contos que lia na casa do seu pai.

Ela passou aquele dia na floresta, ouvindo os pássaros, bestas e coisas rastejantes. Ela entendeu tudo o que eles disseram, ainda que não conseguisse repetir nenhuma palavra, porque cada espécie tinha uma língua diferente. Ela não teve nenhum vislumbre da linda mulher, mas sentia como se ela estivesse por perto o tempo todo. Tomou cuidado para não perder a cabana de vista.

Ela era redonda, como um iglu ou uma oca. Trama não conseguia ver portas nem janelas. Lembrava-se de que lá dentro era cheio de portas, mas todas elas abriam pelo lado de dentro.

Deveria ser por isso que ela não conseguia enxerga-las ali, por mais que tentasse.

Quando o crepúsculo aconteceu no céu, ela se encontrava parada na base de uma árvore, ouvindo uma discussão acirrada entre uma toupeira e um esquilo, onde a toupeira dizia ao esquilo que o rabo era a melhor parte dele e o outro rebatia, falando que a toupeira tinha punhos de pá torta. Ficou tão entretida no briga dos dois que só notou que a noite já havia chegado quando algo brilhou em seu rosto e, olhando em volta, viu que a porta da cabana estava aberta e a luz vermelha de uma chama fluía através dela como um rio através da escuridão. Ela deixou que a Toupeira e o Esquilo se entendessem e disparou para a cabana.

Ao entrar, ela encontrou mais uma vez a panela fervendo no fogo e a grandiosa e encantadora mulher sentada perto das chamas.

– Estive observando-a o dia todo. – Foi a primeira coisa que a Avó lhe disse. – Você

precisa comer alguma coisa, mas devemos esperar até que nosso jantar chegue em casa.

Ela colocou Trama em seu joelho e começou a cantar para ela canções tão belas que a menina desejou que pudesse ouvi-las para sempre. Mas é claro que quando elas menos esperavam, o

peixe brilhante da noite anterior entrou apressado e se aconchegou na panela. Ele estava sendo seguido por um jovem que era bem maior do que as roupas que vestia. Seu rosto estava corado, trans-bordando saúde, e em sua mão ele carregava uma pequena joia que brilhava na luz do fogo. As primeiras palavras que a mulher disse para ele foram:

– O que é isso na sua mão, Musgoso?

Musgoso era o nome que os habitantes da floresta haviam lhe dado, porque com o passar do tempo, o menino passou a ter uma pedra favorita, coberta de musgo, onde costumava sentar

por dias inteiros, pensando e descansando. Ás vezes ficava tanto tempo por ali, que diziam que o musgo tinha começado a crescer nele também.

Musgoso estendeu suas mãos. No momento em que a mulher viu que era a chave dourada, levantou-se de sua cadeira, beijou Musgoso na testa e o fez sentar-se no seu lugar. Parou

então à sua frente e se ajoelhou, como uma serva diante do seu rei. Musgoso não pôde aguentar ficar ali, tão sem graça estava e levantou-se de uma vez. Mas a mulher implorou, com lágrimas

nos olhos, para que ele sentasse e a deixasse servi-lo.

– Mas você é uma nobre, esplêndida e linda mulher. – disse Musgoso.

– Sim, eu sou. Mas para mim, será um prazer. Deixe-me aproveitar esse momento, já que terá de me deixar logo!

– Como você sabe disso, se você não se importa de me explicar, senhora?

– Porque você tem a chave dourada!

– Mas eu não sei para que ela serve. Eu não consigo encontrar a fechadura. Você me

dirá o que fazer?

– Você vai ter de encontra-la. Essa é sua missão. Eu não posso ajudá-lo. Eu só posso dizer para procurar que vai encontra-la.

– Que tipo de caixa ela abre? O que há lá dentro?

– Eu não sei. Eu sonho com isso, mas não sei de nada. – Ela deu as costas ao menino e permaneceu um tempo em silêncio.

Parecia triste.

– Devo ir agora? – O menino perguntou, achando que tinha feito algo errado.

– Antes de qualquer coisa, você deve ficar aqui esta noite e comer um pouco do meu jantar. Mas você deve ir pela manhã.

Tudo que posso fazer por você é lhe dar roupas. Aqui está uma garota chamada Trama, que você precisa levar com você.

Ele olhou Trama com curiosidade, como se só naquele momento a visse. Ela ficou espantada com o comentário da Avó,depois abraçou a bela mulher, triste...

– Isso será divertido. – disse Musgoso.

– Não! Não quero deixá-la! Por favor, Avó...

– Você precisa ir com ele, Trama. Sinto muito em perdê-la, mas será a melhor coisa para você. Veja bem, até os peixes depois que saem da panela, precisam sair pela vida afora, no

escuro. – Afagou a cabeça da menina para ela se acalmar. – Vou precisar de um favor de vocês. Caso encontrem o Senhor do Mar, pergunte se ele tem mais peixes prontos para mim. Meu tanque está ficando vazio.

Largou então a menina e pegou o peixe da panela, colocando em seguida a tampa. Eles se sentaram, comeram o peixe e como da outra vez, a bela criatura com asas surgiu da panela, flutuou sobre o teto e acomodou-se no colo da mulher. Elas conversaram durante um tempo e depois a Avó carregou-a até a porta, jogando-a para cima, porta afora no escuro. Eles ouviram o farfalhar de suas asas se dissiparem na distância.

A mulher chamou os dois e mostrou uma cama para Musgoso, do lado daquela que Trama havia se deitado.

Meio a contragosto, os dois se deitaram, agitados com tudo que havia acontecido, mas o sono chegou muito antes do que pensavam.

Pela manhã, Musgoso encontrou uma muda de roupas ao seu lado. Ao vesti-las, viu que havia ficado muito bonito nelas. Ele foi atrás de Trama, que se sentia desanimada. Ela estava bastante relutante em ir.

A cabana daquela vez estava aberta. A bela mulher chamada

de Avó estava na porta, pronta para se despedir. Trama estava em frente à ela, implorando para ficar.

– Por que deveria deixá-la? Eu não conheço o garoto. – Ela

disse para a mulher.

– Nunca posso ficar muito tempo com minhas crianças.

Você não precisa ir com ele se não quiser, mas precisará ir algum dia. Eu gostaria que fosse com ele, pois ele possui a chave dourada.

Nenhuma garota precisa ter medo de ir com um jovem que possui a chave dourada. Você cuidará dela, não cuidará, Musgoso?

– Lógico que cuidarei. – disse Musgoso.

Trama lançou um olhar para ele e pensou que poderia gostar de ir com ele.

– E – continuou a mulher – se vocês se perderem enquanto estiverem percorrendo o. . o. . Eu nunca me lembro o nome daquele país, não tenham medo, mas apenas sigam sempre em

frente.

Ela beijou Trama carinhosamente na boca, Musgoso na testa e os levou até a porta, indicando que fossem para o leste.

Musgoso e Trama pegaram na mão um do outro e andaram rumo às profundezas da floresta. Em sua mão direita, Musgoso segurava a chave dourada.

Vagaram por um longo caminho, ouvindo com divertimento as conversas dos animais. De tanto ouvir, aprenderam o suficiente para fazer-lhes perguntas necessárias. Os esquilos sempre eram amigáveis e davam nozes de suas próprias provisões para eles, mas as abelhas eram egoístas e rudes, só repetindo que Trama e Musgoso não eram assunto de sua rainha. Até as toupeiras procuravam para eles um amendoim ou uma raiz de vez em quando, carregando-as em suas bocas, que assim como seus olhos e orelhas, pareciam cheios de algodão, com seu próprio pelo

aveludado. Quando finalmente saíram da floresta, eles já gostavam bastante um do outro e Trama não sentia nenhum remorso pela Avó tê-la mandando embora com Musgoso.

Ao longo do tempo as árvores ficaram menores e um pouco mais distantes entre si. O chão começou a se elevar e ficou cada vez mais íngreme, até que as árvores ficaram para trás e se abriu diante deles um caminho estreito, com rochas dos dois lados.

De repente, se depararam com uma porta rústica, pela qual entraram em uma galeria estreita recortada em pedra. Ficava cada vez mais escuro, até que a visão era tão pouca que tinham de tatear pelo caminho. Com o passar do tempo, a luz voltou a iluminar o caminho e finalmente eles saíram na beirada de um imponente precipício.

Encontraram uma trilha que descia sinuosamente até uma vasta planície circular, rodeada de montanhas em todos os lados. Foi para lá que se encaminharam. Enquanto desciam, olhavam os imponentes picos à sua volta, erguidos em alturas terríveis, afiados e azuis, esmaltados de gelo. Um silêncio absoluto reinava onde eles estavam. Nem mesmo o barulho de água chegava até eles.

Olhando para baixo, eles não conseguiam dizer se o vale abaixo era uma planície cheia de grama ou um lago parado. Eles nunca haviam visto um espaço parecido com aquele.

O caminho até ele era difícil e perigoso, mas conseguiram chegar até a base em segurança. Ao contrário do que pensavam, descobriram que ali era feito de um arenito suave, de cores claras, ondulado em algumas partes, coberto pela água. Não era surpresa para eles que não tivessem conseguido dizer o que era, já que a superfície estava toda coberta de sombras. Era um mar de sombras. A maioria era

feita das sombras de inúmeras folhas, de todas as formas,balançando de um lado para o outro, flutuando e tremeluzindo no sopro de uma brisa cujo movimento não era sentido, cujo som não era ouvido. Nenhuma floresta cobria àquelas montanhas, não havia árvores que pudessem ser vistas e ainda assim, as sombras das folhas, galhos e troncos de diversas árvores cobriam o vale até onde os olhos deles podiam enxergar. Logo eles viram que havia sombras de flores misturadas com aquelas das folhas e repentinamente a sombra de um pássaro abria o bico e a garganta se distendia com música. Algumas vezes apareciam as formas de criaturas estranhas, graciosas, correndo para cima e para baixo pelos troncos e galhos de sombras, para logo desaparecerem na folhagem movida pelo vento. Enquanto andavam, os dois brincavam no lago, com água até os joelhos. As sombras não estavam somente repousadas na superfície do chão, mas amontoavam-se para cima como formas substanciais de escuridão, como se tivessem sido colocadas em cima de mil planos diferentes de ar. Trama e Musgoso frequentemente erguiam suas cabeças e olhavam para cima, tentando descobrir de onde vinham as sombras, mas não viam nada além de uma clara névoa espalhada acima deles e do topo mais alto das montanhas. Nem floresta, folhas ou pássaros eram visíveis dali.

Depois de um tempo, eles alcançaram um espaço aberto,onde as sombras eram mais finas e encontraram até algumas partes onde as sombras apenas esvoaçavam, deixando-os certos de que era ali para onde deviam seguir.

Quando pensavam que viam de tudo, as sombras desfilavam diante deles formas cada vez mais maravilhosas, um ser metade homem e metade pássaro flutuava sobre pinhões estendidos.

Dentro em pouco, uma extraordinária sombra de um grupo de crianças brincalhonas passou, seguida pela mais adorável forma feminina, que deu lugar a um gigantesco navio, parecido com

o Titanic. Cada uma desaparecia entre as folhagens após a sua aparição, deixando Trama e Musgoso maravilhados. Algumas vezes um perfil de indiscutível beleza ou grandeza aparecia por um momento e então desaparecia. Às vezes pareciam ser amantes que passavam de braços dados, outras vezes pai e filho, às vezes irmãos em uma disputa calorosa, outras vezes irmãs entrelaçadas em uma graciosa comunidade de formas complexas. Às vezes cavalos selvagens disparavam livres ou cavalgados pelas nobres sombras de homens decididos. Havia formas ainda mais maravilhosas, que satisfaziam seus jovens corações de uma forma que eles nunca conseguiriam descrever.

Mais ou menos no meio da planície eles se sentaram para descansar, cercados por

uma pilha de sombras. Depois de ficarem sentados por um tempo, olharam um para outro e constataram

que ambos queriam a mesma coisa: descobrir de que lugar vinham as sombras.

– Precisamos achar o lugar de onde vêm as sombras – disse Musgoso.

– Sim. E se sua chave dourada for a chave para ele?

– Ah! Isso seria grandioso. Mas devemos descansar aqui um pouco e então, estaremos preparados para cruzar a planície antes do anoitecer.

Ele então se deitou no chão, cercado pelas sombras por todos os lados. Ele podia ver através delas, uma atrás da outra, até que todas se misturavam diante dos seus olhos como uma massa

de escuridão. Trama também deitou-se, admirando, pensando e cobiçando o lugar de onde vinham as sombras.

Depois que descansaram, levantaram-se e continuaram sua jornada.

Quanto tempo eles levaram para cruzar essa planície eu não posso dizer, pois o tempo no País das Fadas passa de uma forma diferente da nossa. Quando estamos determinados, em busca de algo, não vemos o tempo correr. Ninguém sente fome ou sede.

Sequer relembra do sol caloroso ou da noite fria. Apenas segue o seu caminho, imperturbável, sem olhar para trás.

Por isso, quando a dupla viu que anoitecia, o cabelo de Musgoso estava pintado de cinza e Trama ganhara suas primeiras rugas na testa.

Conforme a noite ia chegando, as sombras ficavam maiores e profundas, tomando conta de tudo. Depois de um tempo, eles chegaram a um lugar em que a única coisa que restava era

a escuridão. Então, pegaram a mão um do outro e andaram em silêncio, um pouco inquietos. Sentiam a escuridão se acumulando e a beleza das sombras parou de encanta-los. Restava somente o receio do que poderia acontecer com eles ali. Trama tentou apertar a mão de Musgoso para se sentir um pouco mais segura com a companhia do amigo, mas constatou que ele não estava mais ao seu lado. Não tinha noção quando ele a soltara.

– Musgoso, Musgoso! – Ela choramingou, apavorada. –Mas ninguém respondeu.

Um momento depois, as sombras sumiram completamente,deixando apenas as altas montanhas erguidas diante dela. Ela se virou para a região sombria que havia deixado e chamou mais uma vez por Musgoso. Ali, as trevas carregavam um mar de sombras escuras e tempestuosas, sem nenhum sinal do menino. Trama se jogou ao chão e chorou, desesperada.

De repente, ela se lembrou do que a linda mulher havia dito a eles, que caso se perdessem um do outro em um lugar que ela não conseguia lembrar o nome, eles não deviam ficar com

medo, mas sim seguir sempre em frente.

– Além do mais, – Trama disse para si mesma – Musgoso possui a chave dourada, então nada de ruim deverá acontecer com ele. Pelo menos, eu acredito nisso…

Ela se levantou do chão e seguiu em frente.

Dali a pouco, chegou a um precipício e na beira dele tinha uma escada. Sem ter para onde seguir, ela começou a subi-la.

Quando havia subido a metade, a escada sumiu repentinamente,colocando a menina diante de um novo caminho, que levava diretamente até o interior de uma enorme montanha. Ela estava

com medo de entrar e, ao virar mais uma vez, tentando ver as escadas, assustou-se com a profundeza do precipício. Por isso, foi forçada a entrar dentro da boca da caverna. Fechou os olhos e entrou na escuridão.

Quando abriu os olhos lentamente, assim que deu o primeiro passo, a primeira coisa que viu foi uma linda criatura de asas, parada ao lado dela, esperando-a.

– Eu conheço você – disse Trama. –Você é meu peixe.

– Sim. Mas não sou mais um peixe. Agora sou um aëranth.

– O que é isso? – Perguntou Trama.

– O que você vê. Isso que eu sou. – Respondeu a pequena criatura. – E eu vim para lhe guiar através da montanha.

– Oh! Obrigada, querido peixe, quero dizer, aëranth – devolveu Trama.

Logo em seguida, o aëranth se ergueu em suas asas e voou através da longa e estreita passagem, lembrando bastante a Trama a forma que ele nadava antes, quando era um peixe. E no momento em que suas asas brancas se moveram, elas começaram a soltar brilhos de todas as cores, que iluminaram o caminho diante deles.

De repente, o aëranth sumiu e Trama ouviu um barulho baixo e doce, um pouco diferente do farfalhar das asas do seu ex-peixe.

Na sua frente havia um arco aberto onde entrava luz,misturada com o barulho das ondas do mar.

Ela correu e caiu, cansada e feliz, na areia amarela da praia. Ali, se deixou ficar, meio adormecida com o cansaço da jornada, ouvindo o ruído baixo do recuo das minúsculas ondas,

que pareciam seduzir a terra para que se tornasse parte do mar.

E enquanto ficava ali, seus olhos estavam fixos na base de um grande arco-íris que estava ao longe, contra o céu, do outro lado do mar. Em seguida, ela caiu no sono rapidamente.

Quando acordou, viu um senhor com cabelos longos e brancos, na altura dos ombros, se reclinando sobre ela, apoiado em um galho coberto de brotos verdes.

– O que você quer aqui, linda mulher? – Disse ele.

– Eu sou linda? Fico tão feliz! – Respondeu Trama, se levantando. – Minha Avó que é linda.

– Sim. Mas o que você quer? – Ele repetiu, gentilmente.

– Acho que quero ver o senhor. Não é o Senhor do Mar?

– Eu sou.

– Minha Avó pediu para perguntar-lhe se tem mais peixes prontos para ela?

– Vamos ver, minha querida, – respondeu o senhor, falando ainda mais gentilmente do que antes. – E eu posso fazer algo por você também, não posso?

– Sim, me mostre o caminho para o lugar onde as sombras se formam – disse Trama. Era lá que esperava encontrar Musgoso novamente.

– Ah! Na verdade, isso valeria a pena de ser feito, mas eu não posso, porque nem eu sei o caminho para lá. Mas vou mandá-la para o Senhor da Terra. Talvez ele possa lhe dizer. Ele é muito mais velho do que eu.

Ele a conduziu ao longo da praia para uma rocha íngreme,que parecia um navio petrificado de cabeça para baixo. Na base da rocha, havia uma porta que nada mais era que o leme de um

grande navio, que havia ficado por anos no fundo do mar. Imediatamente, junto da porta, estava uma escada feita de pedra, que o senhor começou a descer e Trama o seguiu. No final, entraram em algo parecido com uma casa. Era lá que ele morava.

No momento em que ela entrou, Trama ouviu um barulho estranho, diferente de qualquer coisa que jamais havia ouvido.

Logo descobriu que eram os peixes falando. Ela tentou entender o que eles diziam, mas suas palavras eram tão antigas que ela não conseguia captar muito daquilo.

– Eu vou dar uma olhada naqueles peixes para a minha filha – disse o Senhor do Mar.

E abriu uma misteriosa janela em um dos cantos da casa.

Olhou através dela e então bateu em um grosso pedaço de cristal que preenchia a abertura circular. Trama veio atrás dele e espiando através da janela, viu o coração do grande e fundo oceano verde.

Nele habitavam as mais curiosas criaturas. Algumas muito feias, todas meio estranhas, com bocas esquisitas, nadando por todos os lados, para cima e para baixo.

Ao ouvir a batida do Senhor do Mar, todas vieram em resposta. Apenas algumas conseguiam colocar suas bocas contra o vidro; mas, ainda assim, aquelas que estavam a quilômetros

de distância, viraram suas cabeças em direção a eles. O Senhor observou todo o cardume cuidadosamente por alguns minutos e, virando-se para Trama, disse:

– Sinto muito, mas ainda não tenho nenhum pronto. Eu preciso de mais tempo do

que ela. Mas mandarei alguns assim que puder – e então fechou a janela.

Dentro em pouco, um grande barulho começou no mar.

O Senhor abriu a janela de novo e então bateu no vidro, onde os peixes ainda estavam todos tão imóveis como se estivessem dormindo.

– Eles estavam apenas falando sobre você. E eles falam tanta bobagem! Amanhã, – continuou ele – eu lhe mostrarei o caminho para o Senhor da Terra. Ele mora longe daqui.

– Me deixe ir de uma vez – disse Trama.

– Não. Isso não é possível. Você precisa vir por esse caminho antes. – Ele a guiou para um buraco na parede, que ela não havia visto antes. Estava coberto com as folhas e flores brancas de uma planta rasteira.

– Bonito não? Somente plantas de flores brancas conseguem crescer debaixo do mar. Você deve atravessar o túnel e lá dentro você encontrará uma banheira, na qual deve ficar até eu chamá-la.

Trama entrou e encontrou uma caverna pequena, arrumada como se fosse um quarto. No canto mais extremo tinha uma grande bacia feita de pedra, cheia pela metade com água clara

do mar. Era polida suavemente por dentro e tinha um tapete de areia ao fundo. Grandes folhas e flores de plantas variadas estavam cobrindo-a quase toda.

Logo ela estava despida e deitada na banheira. Começou a sentir como se a água estivesse entrando nela e a fizesse relaxar, oferecendo todos os benefícios de quem dorme, sem passar pelo esquecimento que o sono traz. Ela se sentiu mais feliz e mais esperançosa do que havia se sentido desde que perdera Musgoso.

Mas não podia deixar de pensar quão triste deveria ser para um pobre senhor viver ali completamente sozinho e ter que cuidar de um grande cardume de peixes estúpidos e barulhentos.

Depois de mais ou menos uma hora, ouviu a voz dele chamando-a e saiu da banheira. Toda a fadiga e dores de sua longa jornada haviam desaparecido. Ela estava tão completa, forte e

bem disposta como se tivesse dormido por dias.

Voltando para a abertura que a levou até ali, deparou-se com a forma de um grande homem, com um rosto majestoso e bonito, esperando por ela.

– Venha, – disse ele. – Vejo que está pronta.

Ela entrou na sala com grande respeito.

– Onde está o Senhor do Mar? – Ela perguntou, humildemente.

– Não tem ninguém aqui além de mim – ele respondeu,sorrindo. – Alguns me chamam de Senhor do Mar. Outros têm um nome diferente para mim e ficam terrivelmente assustados

quando me encontram dando uma caminhada pela praia.

Portanto, evito ser visto por eles, já que ficam tão apavorados que conseguem ver o que realmente sou, assim como você me vê agora. Mas isso não importa, devo lhe mostrar o caminho para

o Senhor da Terra.

Ele a guiou até a caverna onde estava a banheira e ali ela viu, no canto oposto, uma segunda abertura na pedra.

– Desça aquela escada e ela a levará até ele – disse o Senhor do Mar.

Com humildes agradecimentos, Trama foi embora. Ela desceu a escada em caracol durante tanto tempo, que ela começou a recear que não tivesse mais fim. Descia por degraus desiguais e quebrados, com fontes de água saindo pelas paredes e correndo pelos degraus, abaixo e ao lado dela. Estava escuro ao seu redor, mas ela conseguia enxergar tudo com uma clareza sem igual.

Parecia que depois de ter ficado na banheira do Senhor do Mar, seus olhos podiam enxergar em qualquer lugar, não importasse quanto escuro estivesse. Ali não havia criaturas rastejantes pelo caminho. Tudo estava seguro e agradável, ainda que para muitos parecesse escuro, úmido e profundo.

Finalmente ela chegou ao fim da escada. Estava em uma caverna brilhante, que tinha uma grande pedra no meio. Sentado nela, uma figura enchia todo o lugar com a sua presença. Era um senhor encurvado pela idade, de costas para Trama. De onde estava, conseguia ver toda sua barba branca espalhada no chão em sua frente. Ele não se moveu conforme ela entrou, então Trama pensou que talvez devesse

ficar na frente dele e tentar falar. No momento em que ela olhou em seu rosto, ela viu que ele não era o velho que pensava, mas sim jovem de admirável beleza. Ele estava sentado em transe, com os olhos fixos em um espelho de prata que estava no chão, aos seus pés. De costas, o reflexo do espelho fez Trama enxergar uma barba que não existia. Ele continuou sentado, de olhos fechados aparentando sentir um puro deleite, completamente indiferente a presença dela, perdido no prazer de sua visão. Ela ficou parada, observando-o.

Depois de um tempo, meio vacilante, ela falou com ele.

Mas sua voz não produziu som algum. Ele ergueu os olhos para ela e não pareceu surpreso, entretanto, em vê-la. Apenas sorriu tranquilamente, em sinal de boas-vindas.

– Você é o Senhor da Terra? – Trama havia dito.

A voz do jovem ressoou pela cabeça de Trama, enquanto o sorriso permanecia em seu rosto.

– Eu sou. O que posso fazer por você?

– Me diga o caminho do lugar de onde vêm as sombras.

– Ah! Isso eu não sei. Eu mesmo apenas sonho com ele.

Eu vejo suas sombras no meu espelho, às vezes, mas o caminho até lá eu desconheço. Mas acredito que o Senhor do Fogo deva saber. Ele é muito mais velho do que eu. Ele é o homem mais

velho de todos.

– Onde ele mora?

– Mostrar-lhe-ei o caminho para sua casa. Eu mesmo nunca o vi. – Assim dito, o jovem se ergueu e ficou por um tempo

observando Trama.

– Gostaria de poder ver aquele lugar também, – ele disse.

– Mas devo cuidar do meu trabalho.

Ele a guiou até uma das paredes da caverna e disse para ela colocar seu ouvido contra a parede.

– O que você ouve? – Perguntou ele.

– Eu escuto som de muita água correndo por dentro da pedra.

– Esse rio corre até a habitação do homem mais velho de todos: o Senhor do Fogo. Eu gostaria de poder ir vê-lo. Mas preciso cuidar do meu trabalho. Esse rio é o único caminho até ele.

E então o Senhor da Terra inclinou-se sobre o chão da caverna, ergueu uma enorme rocha de lá e a deixou inclinada.

Ela escondia um grande buraco, que levava a um lugar completamente desconhecido.

– Esse é o caminho – disse ele.

– Mas não tem escadas.

– Você deve se jogar. Não há outro jeito.

Ela se virou e o olhou bem no seu rosto. Ficou assim por um minuto... Isso foi o que ela pensou, mas na verdade foi um ano todo.

E então se jogou de cabeça no buraco.

Quando caiu em si, parecia flutuar, leve e livre, em direção

às profundezas. Estava debaixo d’água, mas isso não podia signi-ficar nada, porque quando deu por si, não conseguia se lembrar de ter respirado nenhuma vez desde seu banho na caverna do Senhor do Mar.

Gradualmente, o fluxo ficou mais raso. Pouco a pouco,sua cabeça começou a ficar fora d’água. Logo, a correnteza não podia mais carregá-la. Ela saiu do canal e começou sua descida por um trajeto escaldante.

A água cessou completamente. O calor era terrível. A roupa dela se secou em segundos e Trama começou a se sentir chamuscada até os ossos, mas isso não afetou sua força. O ambiente ficava cada vez mais e mais quente. Ela dizia “não posso mais aguentar”, mas, ainda assim, continuou.

Depois de um bom tempo, sua caminhada acabou em um lugar áspero, de pedras escaldantes. Assim que atravessou uma arcada, Trama caiu exausta e reconfortada. Ao atravessar o arco, foi parar em uma caverna fria e musgosa. Nem parecia que menos de um metro de onde havia caído, o fogo predominava no ambiente.

O chão e as paredes eram cobertos com musgo verde,macio e úmido. Á sua frente, um pequeno fluxo de água jorrava de uma rachadura na pedra e caía em uma bacia de musgo. Ela

colocou seu rosto ali e bebeu. Em seguida, levantou sua cabeça e olhou em volta. Então se levantou para examinar o lugar.

Não viu ninguém na caverna. Mas sentia que estava no lugar mais íntimo da terra e todos os seus caminhos. Tudo que ela havia visto ou aprendido nos livros, tudo que sua avó disse ou cantou para ela, toda a conversa das bestas, pássaros e peixes...

Tudo que havia acontecido com ela em sua jornada com Musgoso e suas aventuras no coração da terra com os Senhores. Tudo era parte de um plano maior, mas significava a mesma coisa.

Neste momento, ela descobriu no canto da caverna uma pequena criança nua, sentada no musgo. Ele estava brincando com bolas de diversas cores e tamanhos, que ordenava em cima

de estranhas figuras no chão ao seu lado. Trama sentiu que aquela brincadeira tinha um significado que ela não compreendia. Deveria haver um infinito significado na mudança, sequência e formas individuais das figuras em que a criança estava colocando as bolas, assim como nas diversas harmonias de suas cores. Ele continuou ativamente, incansavelmente, jogando seu jogo solitário, sem olhar para cima ou parecendo saber que ali havia uma estranha em sua casa, profundamente afastada do mundo. Diligentemente como uma rendeira troca suas bobinas, ele trocava e organizava suas bolas. Ela ficou de pé, olhando por um longo tempo aquele jogo fascinante. Quanto mais ela olhava, mais uma inteligência indescritível e vaga vinha sendo estimulada. Sabe quanto tempo ela ficou ali? Sete anos...

Por sete anos ela ficou parada, observando a criança nua com suas bolas coloridas, quando de repente, o formato que as bolas ficaram no chão de pedra a lembraram do Vale das Sombras.

Lembrando-se do seu real objetivo, ela falou com o menino:

– Onde está o Senhor do Fogo?

– Aqui estou eu – respondeu o menino, levantando-se e deixando suas bolas no musgo. – O que posso fazer por você?

Havia tanta tranquilidade no rosto do menino que Trama ficou muda em sua frente. Ele não sorria, mas o amor em seus grandes olhos cinza era tão profundo quanto o lugar onde estavam. E a tranquilidade também estava no seu rosto. Uma luz como se fosse da lua, que parecia a qualquer momento se quebrar em um sorriso arrebatador, poderia fazer um espectador explodir de alegria. Mas ele não sorriu e a luz em seu rosto ficou lá, intocada. O coração do menino era profundo demais para que qualquer sorriso saísse dele e viesse parar em seu rosto.

– Você é o homem mais velho de todos? – Trama finalmente perguntou, ainda que receosa.

– Sim, eu sou muito, muito velho. Eu posso ajudá-la, eu sei. Eu posso ajudar a todos. – O menino se aproximou e olhou para seu rosto. Era tanta coisa boa no seu semblante que ela não se aguentou e rompeu em lágrimas.

– Você pode me dizer o caminho para o lugar de onde vêm as sombras, meu Senhor?

– Sim. Eu sei muito bem. Eu mesmo vou lá às vezes. Mas você não poderia ir pelo meu caminho: você não é velha o suficiente. Irei mostrar a você como poderá ir.

– Só não me mande para o calor infernal novamente – implorou Trama.

– Não vou – respondeu a criança.

Ele se esticou, colocando sua mão fria no coração dela.

– Agora você pode ir. O fogo não irá queimá-la. Venha.

Ele a guiou para fora da caverna. Seguindo-o por outra passagem em forma de arco, ela se encontrou em um vasto deserto de areia e pedra. Não havia céus, somente rochas, baixando sobre eles como sólidas nuvens carregadas. O lugar todo era tão quente que ela via ouro amarelo, prata branca e cobre vermelho escorrendo fundidos das pedras, como riachos. Mas o calor nunca chegou a toca-la.

Quando eles haviam percorrido certa distância, o menino virou uma grande pedra e pegou algo como um ovo debaixo dela.

Em seguida, ele desenhou uma longa linha curva na areia com seu dedo, colocando

o ovo encima nela. Então, disse algo que Trama não entendeu. Deveria ser uma língua tão antiga quanto o próprio tempo. O ovo se quebrou e uma pequena cobra saiu dali.

Parada na linha desenhada na areia, cresceu até que preenchesse todo o desenho.

No momento em que atingiu seu tamanho máximo, começou a deslizar para longe, ondulando como uma onda do mar.

– Siga aquela serpente – disse o menino. – Ela a guiará pelo caminho certo.

Trama seguiu a serpente. Mas ela não pôde ir muito longe sem se virar para trás e olhar em direção ao admirável Menino.

Ele ficou sozinho no meio do deserto incandescente, ao lado de uma fonte de chamas vermelhas que queimavam aos seus pés.

Sua brancura nua bruxuleando um pálido tom rosado no fogo tórrido. Ali ele ficou, olhando por ela, até que na distância, ela não conseguia mais enxergá-lo. A serpente continuou sempre

em frente, numa eterna linha reta, sem virar para a direita ou para a esquerda.

E Musgoso? Vocês devem estar sem perguntando.

O menino que não tinha nome e nesta aventura cresceu e se tornou um homem, saiu do lago das sombras e seguiu sua jornada lúgubre e solitária até à beira-mar. Era uma noite escura e tempestuosa. O sol havia se posto e o vento soprava do mar.

As ondas cercavam as pedras nas quais ficava a casa do Senhor do Mar. Uma funda poça d’água ficava entre ela e a praia, onde uma figura majestosa estava andando sozinha.

Musgoso foi até ele e disse:

– Você poderia me dizer onde encontrar o Senhor do Mar?

– Eu sou o Senhor do Mar – a figura respondeu.

– Eu vejo um homem forte e majestoso de meia idade – devolveu Musgoso.

E então o Senhor olhou para ele mais atentamente e disse:– Sua visão, jovem, é

melhor do que a da maioria que pega esse caminho. A noite está tempestuosa: venha para a minha casa e me diga o que posso fazer por você.

Musgoso o seguiu. As ondas abriam espaço diante do Senhor do Mar e Musgoso o seguiu sobre areia seca. Quando eles chegaram na caverna, se sentaram e observaram um ao outro.

Agora Musgoso era um homem velho. Ele parecia muito mais velho do que o Senhor do Mar e seus pés estavam muito, muito cansados.

Depois de olhar para ele por um momento, o Senhor o pegou pela mão e levou-o para sua caverna interior. Ali, ele o ajudou a se despir e o colocou na banheira. E ele viu que uma

das mãos de Musgoso não se abriu.

– O que você tem naquela mão? – Ele perguntou.

Musgoso abriu sua mão e lá estava a chave dourada.

– Ah! – Disse o Senhor. – Isso conta por que você me reconheceu. E eu sei o caminho que você tem que tomar.

– Eu quero encontrar o lugar de onde vêm as sombras – disse Musgoso.

– Sei que você quer. E eu também. Mas para que você acha que essa chave serve?

– Para uma fechadura em algum lugar. Mas não sei por que guardá-la. Eu nunca consegui achar a fechadura. E eu vivi por um bom tempo, pode acreditar – disse Musgoso tristemente.

– Não tenho certeza, mas já devo estar bem velho. Sei que meus pés doem.

– Doem? – Disse o Senhor, como se ele realmente pretendesse perguntar aquilo. Musgoso, que ainda estava na banheira, observou seus pés por algum tempo antes de responder.

– Não, eles não doem mais – por fim respondeu. – Talvez eu não seja velho.

– Levante-se e se veja na água.

Ele levantou-se e viu o seu reflexo na água. Não havia nenhum fio branco em sua

cabeça ou ruga em sua pele.

– Você provou da morte agora. – Disse o Senhor. – Ela é boa?

– Sim, – respondeu Musgoso. – é melhor do que a vida.

– Não é isso, – disse o Senhor. – Ela é apenas mais vida.

Seus pés não farão buracos na água agora.

– O que quer dizer?

– Vou lhe mostrar em breve.

Eles voltaram para a outra caverna, sentaram e conversaram por um bom tempo. Falaram sobre coisas além da compreensão dos homens, palavras que somente as crianças ou os muitos velhos são capazes de entender. Em seguida, o Senhor do Mar levantou-se e disse para Musgoso:

– Me siga.

Ele o guiou até as escadas novamente e abriu outra porta.

Estavam na mesma altura do mar, que furioso, esparramava suas ondas para o alto, querendo alcançar o céu. Através das águas, contra a sombra de uma poderosa nuvem escura, estava a base de um arco-íris, brilhando no escuro.

– Esse é de fato meu caminho – disse Musgoso, assim que ele viu o arco-íris e pisou no mar. Seus pés não fizeram buracos na água. Ele lutou contra o vento e escalou as ondas, indo em

direção ao arco-íris.

A tempestade se dissipou. Um adorável dia e uma noite ainda mais adorável se seguiram. O vento frio soprou sobre o oceano calmo. E Musgoso continuava a ir ao leste. Mas o arco-íris havia se dissipado com a tempestade.

Dia após dia ele persistiu e pensou que não tivesse um guia. Ele não percebeu como um peixe brilhante, debaixo d’água, direcionava seus passos. Ele cruzou o mar e chegou a um grande precipício de pedra, em cima do qual ele encontrou apenas uma estrada. Mas ele não o levou mais longe do que ao meio da rocha, que acabava em uma plataforma. Ali ele parou por um momento e pôs-se a refletir. Não podia

ser que o caminho acabasse aqui, senão para que serviria sua trajetória? Era um caminho grosseiro, não muito plano, mas certamente um caminho. Ele examinou a face da rocha. Era suave como vidro. Mas enquanto seus olhos perambulavam desesperadamente sobre o caminho, ele viu uma linha de pequenas safiras, encravadas em um buraco na rocha,como se fossem um lindo bordado.

– A fechadura! – Gritou, entre lágrimas.

Ele tentou colocar a chave. Ela encaixava.

Ela virava.

Um grande estrondo se fez ouvir, como se parafusos de ferro batessem em um enorme caldeirão de bronze, ecoando ameaçadoramente do lado de dentro da porta. Ele tirou a chave.

A rocha em sua frente começou a cair. Ele se afastou dela, tanto quanto o tamanho da plataforma o permitia. Um grande pedaço de rocha caiu aos seus pés. Momentos depois, uma segunda caiu, apenas um pedaço de borda, fazendo o próximo degrau de uma escada. Os pedaços continuavam caindo, formando na frente dele uma escada em direção ao coração do precipício. Ela o levou até um corredor irregular e grosseiro na estrutura, mas com chão,paredes, pilares e abóbada, todos feitos de uma massa de pedras brilhantes de todas as cores que a luz pode mostrar. No centro ficavam sete colunas, variando do vermelho para o violeta. E no pedestal de uma delas estava sentada uma mulher, imóvel, com seu rosto enterrado entre as mãos.

Ela havia sentado e esperado por sete anos. Levantou sua cabeça conforme Musgoso se aproximou. Era Trama. Seu cabelo havia crescido até seus pés e estava ondulado como o mar sem

vento das grandes praias. Seu rosto era lindo, como o de sua avó, e tão calmo e pacífico quanto o do Senhor do Fogo. Sua forma era alta e nobre. Mas ainda assim Musgoso a reconheceu de primeira.

– Como você está linda, Trama! – Ele disse, com deleite e admiração.

– Estou? – Devolveu ela. – Oh, eu esperei por você por tanto tempo! Mas você, você é como o Senhor do Mar. Não. Você é como o Senhor da Terra. Não, não. Você é como o homem mais

velho de todos. Você é como todos eles. E ainda assim você é o meu velho Musgoso! Como você chegou aqui? O que você fez depois que te perdi? Você achou

a fechadura? Você ainda tem a chave? – Ela tinha centenas de coisas para perguntar a ele, e ele tinha mais centenas para perguntar a ela.

Eles contaram um para o outro todas as suas aventuras e estavam tão felizes quanto um homem e uma mulher podiam ser. Pois eram mais novos e melhores, mais fortes e sábios do que jamais haviam sido.

Começou a escurecer. E eles queriam mais do que nunca chegar ao lugar de onde vinham as sombras. Então eles olharam em volta por uma saída da caverna. A porta por onde Musgoso

entrara havia fechado novamente e havia meia milha de rocha entre eles e o mar.

Trama também não conseguia achar a abertura no chão por onde a serpente a havia guiado até lá. Eles procuraram até que ficou tão escuro que eles não conseguiam enxergar nada.

Então desistiram.

Depois de um tempo, entretanto, a caverna começou a brilhar novamente. A luz vinha da lua, mas não era como o brilho do luar. Este brilhava através dos sete pilares, enchendo o lugar com todas as cores. E agora Musgoso viu que havia um pilar ao lado do vermelho, que ele não havia visto antes. Era da mesma cor que ele havia visto no arco-íris quando o viu pela primeira vez na floresta encantada. Aquela pequena centelha de azul. Eram as safiras ao redor da fechadura.

Ele pegou sua chave. Ela virou na fechadura, ao som de uma bela música produzida pelos ventos. Uma porta se abriu sobre dobradiças lentas e expôs uma escada em caracol. A chave sumiu de seus dedos. Trama subiu. Musgoso a seguiu. A porta fechou atrás deles. Eles subiram para fora da terra e continuaram seu caminho acima dela.

Eles estavam no arco-íris. Bem longe, sobre o oceano e a terra, eles conseguiam ver através de suas paredes transparentes a terra debaixo de seus pés. Escadas ao lado de escadas acabavam juntas e seres maravilhosos de todas as idades subiam junto com eles.

Eles sabiam que estavam subindo para o lugar de onde vinham as sombras.

E há essa altura acredito que eles devem ter chegado lá.

Table of Contents

Sumário
Ficha Técnica
Sobre o autor
A Chave Dourada